

---

# A PESQUISA EM EDUCAÇÃO E O RECURSO METODOLÓGICO DAS NARRATIVAS: uma aproximação com a teoria histórico-cultural

Sônia da Cunha<sup>(\*)</sup>  
Clarice Simão<sup>(\*\*)</sup>

## INTRODUÇÃO

Neste artigo, discutimos o uso das narrativas como recurso metodológico possível nas pesquisas em educação. Buscamos compreender qual a relevância das narrativas na investigação científica, que tipo de conhecimento se produz, e de que maneira o uso desse procedimento contribui e pode dar suporte às pesquisas educacionais, especialmente as que utilizam o referencial da Teoria Histórico-Cultural.

Refletir sobre a contribuição das narrativas na pesquisa em educação nos remete a pensar sobre os sujeitos da pesquisa de forma contextualizada e ampliada, pois estas são expressão de uma história coletiva, constituídas em determinado tempo e espaço.

Inicialmente, discutimos sobre a produção científica educacional no Brasil, observando o crescente desenvolvimento da pesquisa qualitativa e das narrativas, como recurso metodológico.

Apresentamos o uso das narrativas como recurso metodológico da pesquisa no contexto educacional, citando algumas definições e observações acerca da presença dessas na história humana.

Para ilustrar o uso das narrativas nas pesquisas, citamos brevemente alguns elementos do filme *Narradores de Javé*, destacando a importância das histórias de vida e da linguagem simbólica naquele contexto.

Explicitamos a seguir, de forma muito sucinta alguns aspectos da Teoria Histórico-Cultural, buscando compreender alguns limites e possibilidades do uso das narrativas como recurso metodológico, nas pesquisas que têm embasamento neste referencial.

---

<sup>(\*)</sup> Psicóloga e pedagoga, doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e pós-doutora em Educação (Unicamp-SP), Lisboa, Alcalá. Professora associada da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicologia e Educação da UFMS. E-mail: surt@terra.com.br.

<sup>(\*\*)</sup> Pedagoga, mestranda em Educação pela Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicologia e Educação da UFMS. E-mail: clarice\_simao@hotmail.com.

---

## A PESQUISA EM EDUCAÇÃO E AS NARRATIVAS

A produção do conhecimento científico está intimamente relacionada ao contexto histórico e aos determinantes da sociedade em que este foi produzido.

A produção científica é um campo de investigação e de resgate histórico das áreas do conhecimento, apresentando-se como veículo capaz de revelar e expressar o que tem sido investigado numa área em determinado(s) momento(s) histórico(s). É possível, desta forma, conhecer o particular, o singular e nele ver manifestada a universalidade do conhecimento, resguardada sua especificidade. (URT, 2005, p. 43).

A pesquisa na área educacional tem sido caracterizada por abarcar grande variedade de teorias e metodologias, envolvendo inúmeros pesquisadores, que se dedicam as investigações com objetos de pesquisa bastante diversificados.

Segundo André (2006), a pesquisa em educação no Brasil, teve uma história curta, pois somente no final dos anos 1930, com a criação do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (Inep), criado em 1938, é que a produção científica se torna mais regular, devido ao apoio e subsídio deste órgão aos estudos e pesquisas educacionais.

A mesma autora expõe um estudo acerca da pesquisa na área da educação, mostrando que esta não nasceu do movimento das universidades, mas foi induzida por órgãos governamentais, com o propósito de obter subsídios para as políticas educacionais. Com o passar do tempo, e com a ampliação dos programas de pós-graduação no país, houve um crescimento no número de pesquisas. E as mudanças ocorreram também nas temáticas e problemas de investigação, nos referenciais teóricos utilizados, nas abordagens metodológicas e nos contextos de produção das pesquisas.

André (2006), assevera que, enquanto nas décadas de 1960-1970 as pesquisas voltavam-se para situações de experimentação, do tipo laboratório, nas décadas de 1980-1990, as preocupações são direcionadas para situações “reais” do contexto escolar e sala de aula, levando a uma mudança na função do pesquisador. No primeiro contexto, o pesquisador tem o seu olhar de “fora”, ficando mais distante de seu objeto de pesquisa. No segundo momento, há uma aproximação do pesquisador, sendo um sujeito com o olhar de “dentro”, que não apenas está mais perto dos sujeitos da pesquisa, mas também colabora com estes.

Se os temas e referenciais se diversificam e se tornam mais complexos nos anos 1980-1990, *as abordagens metodológicas* também acompanham essas mudanças. Ganham força os estudos “qualitativos”, que englobam um conjunto heterogêneo de métodos, de técnicas e de análises, entre os quais estão os estudos antropológicos e etnográficos,

---

as pesquisas participantes, os estudos de caso, a pesquisa-ação e as análises de discurso, de narrativas, de histórias de vida. (ANDRÉ, 2006, p. 16).

Ao observarmos o desenvolvimento da pesquisa qualitativa e a crescente utilização das narrativas na pesquisa educacional, nos parece evidente que a “aproximação” do pesquisador com o sujeito envolvido na pesquisa tem sido um dos principais motivos desse crescimento.

Josso (1999), afirma a presença marcante deste recurso metodológico nas programações dos eventos relacionados à pesquisa educacional:

As histórias de vida tornaram-se, há uns vinte anos, um material de pesquisa muito em voga nas ciências humanas, pois não há simpósio, colóquio ou encontro científico no qual estejam ausentes. No campo da educação, além dos trabalhos de pesquisa-formação, observa-se o desenvolvimento, nos currículos e inclusive na formação de professores (as) da rede escolar, *de uma sensibilidade para a história do aprendiz e de sua relação com o conhecimento*, enquanto as formações contínuas abrem-se ao reconhecimento da experiência. (p. 13).

A crescente presença do recurso metodológico das histórias de vida<sup>1</sup> nas investigações científicas trouxe uma renovação ao campo de pesquisa educacional, conforme explicita Bueno (2006):

[...] a intensificação de tais metodologias aqui no Brasil, sobretudo a partir dos anos de 1990, contribuiu para renovar a pesquisa educacional sob vários aspectos, notadamente no que diz respeito à pesquisa e à formação de professores, fazendo aflorar o interesse por questões e temáticas novas, tais como as que se configuram nos estudos sobre profissão, profissionalização e identidades docentes. Mais ainda quando se trabalha com memórias e narrativas e se advoga que as autobiografias favorecem ao sujeito uma apropriação de sua própria história, que é não apenas individual, mas também coletiva. (p. 386).

Importa lutarmos pela qualidade das pesquisas em educação, tarefa inerente a todo o pesquisador. Luta esta, que não pode ser travada no espontaneísmo, mas só pode ser realizada com rigor e seriedade metodológica, postura firme e segura do pesquisador, a fim de que, a despeito das críticas que as narrativas possam padecer, conquistem seu espaço nas investigações científicas.

---

<sup>1</sup> As histórias de vida são citadas neste texto como sinônimo de narrativas.

---

## AS NARRATIVAS COMO RECURSO METODOLÓGICO

As narrativas<sup>2</sup> como recurso metodológico para a pesquisa em educação, são instrumentos favoráveis para a compreensão da memória e da história dos sujeitos envolvidos na investigação proposta.

Presentes na vida do homem desde o princípio, seja de forma oral ou escrita, as narrativas acompanham a história humana. Por meio destas, as histórias de vida foram sendo contadas de geração a geração, garantindo a transmissão da cultura acumulada historicamente pelos homens.

Em nosso cotidiano, nos programas televisivos, nos meios de comunicação escritos, as narrativas estão presentes, além de serem objetos de pesquisa em diferentes contextos.

Narrativa é uma tradição de contar um acontecimento em forma sequencial, cuja composição mais simples inclui começo, meio e fim, e tem, em sua estrutura, cinco elementos essenciais: o enredo (conjunto de fatos); as(os) personagens (quem faz a ação); o tempo (época em que se passa a história, duração da história); o espaço (lugar onde se passa a ação) e o ambiente (espaço carregado de características socioeconômicas, morais e psicológicas onde vivem as(os) personagens). (SILVA, 2002, p. 425).

Por meio das narrativas, o narrador externa suas concepções de mundo, expõe suas ideias, projetos e ideologias, assim como suas limitações, evidenciando sua identidade.

Ciampa (1998), define a identidade humana como uma metamorfose, um “processo permanente de formação e transformação do sujeito humano, que se dá dentro de condições materiais e históricas dadas” (p. 88), excluindo, portanto, a ideia de uma identidade fixa e imutável.

A identidade se forma na história, na relação com os outros homens, coletivamente. O homem usa a memória, comenta sobre fatos passados, interage com seus pares e explica seu presente, a partir de novas experiências, novas vivências, novos conhecimentos, construindo sua identidade e recontando sua história, com “nova roupagem”.

As narrativas permitem contar e recontar a realidade de forma dinâmica e criativa. Tanto o narrador quanto os fatos renascem, tornando plurais, cada narrativa singular. Uma mesma situação pode ser contada e recontada muitas vezes, sob diferentes pontos de vista.

Sendo assim, podemos perceber que as memórias são singulares e também são coletivas, sociais, na medida em que explicitam, afirmando ou até negando, a história,

---

<sup>2</sup> Fizemos a opção pela nomenclatura “narrativas”, compreendendo que essas são utilizadas por diversos pesquisadores do contexto educacional, como sinônimo de histórias de vidas, autobiografias, depoimentos orais, história oral.

---

o modo de viver, as regras e os valores de determinadas comunidades em uma determinada época histórica. Ou seja, as memórias de cada um são constituídas no encontro com os seus vários outros, são constituídas socialmente. (GUEDES, 2008, p. 16).

Por apresentarem tais características, as narrativas vêm ganhando espaço nas pesquisas em educação, abarcando cada vez mais pesquisadores, com interesses e objetivos bastante diversos. Alguns autores, como Josso (1999) e Nóvoa (2010), vêm se dedicando à produção de trabalhos nesta perspectiva, o que tem contribuído para a compreensão e difusão deste recurso.

[...] a utilização contemporânea das abordagens (auto)biográficas é fruto da insatisfação das ciências sociais em relação ao tipo de saber produzido e da necessidade de uma renovação dos modos de conhecimento científico...a nova atenção concedida [para esse tipo de abordagem] no campo científico é a expressão de um movimento social mais amplo...encontramo-nos perante uma mutação cultural que, pouco a pouco, faz reaparecer os sujeitos face às estruturas e aos sistemas, a qualidade face à quantidade, a vivência face ao instituído. (NÓVOA, 1993, p. 18).

Desse modo, afirmamos a contribuição deste recurso metodológico para a pesquisa, pela possibilidade de compreensão da constituição do sujeito de forma ampla, sua interferência no meio em que vive, sua ação como sujeito da própria história.

### **ELEMENTOS DO FILME NARRADORES DE JAVÉ**

Ao tratarmos do uso das narrativas nas pesquisas educacionais, nos parece pertinente citar, como ilustração, alguns elementos do filme *Narradores de Javé*<sup>3</sup>, no qual este recurso metodológico se faz presente de forma muito contundente.

O filme *Narradores de Javé* relata a história de um povoado chamado Javé, que estava ameaçado de desaparecer por conta da construção de uma hidrelétrica que inundaria aquele lugar. Os moradores, em sua maioria analfabetos, e com a comunicação basicamente oral, diante da ameaça de perder a sua história, colocam sua esperança em Antonio Biá, o único morador “letrado”, capaz de escrever a história daquele povo. Eles precisam provar que a cidade possui um valor histórico a ser preservado. Para tanto, passam a narrar suas histórias, evocando suas memórias, evidenciando seu passado, sua cultura, sua identidade.

---

<sup>3</sup> O filme *Narradores de Javé* foi produzido em Gameleiro da Lapa, interior da Bahia, com estreia em 2003, direção de Eliane Caffé. Roteiro: Luiz Alberto de Abreu e Eliane Caffé, Produção: Vânia Catani, Música: DJ Dolores e Orquestra Santa Massa, Fotografia: Hugo Kovensky, Direção de Arte: Carla Caffé, Edição: Daniel Rezende.

---

Conforme Guedes (2008), “Narrar exige um esforço de elaboração para tornar concreto, através da história que se tece, as diversas experiências vividas por cada sujeito” (p. 22). É o que se observa nos relatos das personagens do filme, pois, da singularidade de cada pessoa, resultam narrações bem diversas. A história da fundação de Javé é uma só, mas as versões são inúmeras. Cada morador narra a história sob seu ponto de vista, sua concepção, sua percepção. Desse modo, a narrativa vai sendo construída, enriquecida e ampliada, expressando anseios, sonhos, fantasias, lembranças singulares dos sujeitos da história.

Neste sentido, a tarefa do pesquisador é complexa. No filme, Biá assume esta função, e diante da difícil tarefa de escrever a história do povo, narrada por muitas vozes, busca modificar as narrativas a seu modo, tentando “melhorá-las”.

Em uma de suas visitas, Biá vai até a casa de Sr. Vicentino e ouve a longa narrativa, a respeito da fundação de Javé.

Não satisfeito com a versão da história narrada por S. Vicentino, Biá sugere algumas alterações, com o objetivo de incrementar a narrativa. Citamos um diálogo do filme:

Sr. Vicentino: – O senhor não vai escrever o que eu disse?

Biá: – Precisa melhorar essa parte da história.

Sr. Vicentino: – O senhor tá querendo inventar, é?

Biá: – Inventar não, só florear um bocadinho.

Sr. Vicentino: – Pois o senhor me faça o favor, escreva exatamente o que eu ditei!

Esse diálogo nos chama a atenção para a postura ética do pesquisador, no sentido da preservação das memórias dos sujeitos tais como foram contadas.

Outro aspecto que se destaca no filme, é o valor simbólico atribuído a Indalécio, o herói e fundador da cidade. Este símbolo está tão presente na memória do povo que por vezes é confundido com as vidas das próprias personagens. Para Byigton, (1995), o símbolo é tudo o que é evidenciado, independentemente da capacidade cognitiva do ego perceber seus significados. Os símbolos formam e transformam a identidade do *eu* e do *outro* na consciência, mesmo quando não são percebidos racionalmente. (BYIGTON apud FAZENDA, 1995).

A questão simbólica é muito evidente quando se trata de memórias. Interessante observar que cada morador de Javé, ao relatar a história, o faz a partir de um símbolo que lhe evoca lembranças, como se a história fosse revivida. Nesta relação, passado e presente, cada sujeito, ao recontar a história, atribui-lhe novos sentidos e significados.

---

O filme encerra com o povoado coberto pelas águas, a história que não foi escrita e o resgate do único objeto concreto que restou do povoado – o sino da igreja – objeto que carregou consigo todo o significado simbólico daquele povo. Tudo o mais foram memórias.

### **A TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL E AS NARRATIVAS – ALGUNS LIMITES E ALGUMAS POSSIBILIDADES**

Na Teoria Histórico-Cultural, o homem é um ser histórico, que se constrói por meio de suas relações com o mundo, diferenciando-se dos animais, pela sua capacidade de transformar a natureza, por meio de seu trabalho.

À medida que se apropriam da experiência acumulada ao longo da história, os homens desenvolvem as capacidades que lhes permitem representar o mundo e agir sobre ele. Isto significa que “[...] cada indivíduo aprende a ser um homem. O que a natureza lhe dá quando nasce não lhe basta para viver em sociedade. É-lhe, ainda, preciso adquirir o que foi alcançado no decurso do desenvolvimento histórico da sociedade humana”. (LEONTIEV, 1978, p. 267). Nesse sentido, o homem é o resultado da apropriação dos conhecimentos produzidos historicamente, os quais não são transmitidos por hereditariedade, mas de forma mediatizada pelos outros homens.

Portanto, o processo de apropriação da cultura se efetiva a partir das mediações da experiência social, que se caracterizam como um processo educativo, no qual o homem, por meio das relações sociais, apropria-se das atividades da vida cotidiana, constituídas pelos objetos, pela linguagem, pelos usos e costumes.

O processo de apropriação surge, antes de mais nada, na relação entre o homem a natureza. Nessa relação, o ser humano, pela sua atividade transformadora, apropria-se da natureza, incorporando-a a prática social. Ao mesmo tempo, ocorre também o processo de objetivação, pois o ser humano produz uma realidade objetiva que passa a ser portadora de características humanas, uma realidade que adquire características socioculturais, acumulando a atividade de gerações de seres humanos. (DUARTE, 2004, p. 117).

Ao buscarmos compreender de que maneira as pesquisas que tem embasamento na Teoria Histórico-Cultural, podem utilizar as narrativas como recurso metodológico que contribua com as investigações científicas, indagamos quais seriam alguns limites e quais seriam as possibilidades de subsídio desse procedimento, a fim de direcionar as nossas reflexões.

Na pesquisa que se utiliza das narrativas, uma das dificuldades se refere à fase de coleta de dados, pois essas “são morosas e exigem uma dedicação quase constante, uma vez que a análise é,

---

em grande parte, simultânea, para que haja um retrocesso da informação coletada e interpretada junto dos sujeitos que viveram as experiências, resultando num texto em que haja participação na sua própria construção”. (GALVÃO, 2005, p. 342).

Ainda com relação aos limites que se apresentam nos trabalhos de pesquisa educacional, Gatti (2002) comenta que esses aparecem tanto nas abordagens quantitativas, quanto nas que usam metodologias alternativas, entre as quais estão as narrativas:

Nas abordagens quantitativas verificamos hipóteses malcolocadas, variáveis pouco operacionalizadas, ou operacionalizadas de modo inadequado [...] interpretações empobrecidas pelo não domínio do método empregado. De outro lado, encontram-se observações casuísticas, sem parâmetros teóricos, a descrição do óbvio, a elaboração pobre de observações de campo conduzidas com precariedade, análises de conteúdo realizadas sem metodologia clara, incapacidade de reconstrução do dado e de percepção crítica de vieses situacionais, desconhecimento no trato da história e de estórias, precariedade na documentação e na análise documental. (GATTI, 2002, p. 31).

Ao expor os limites, a autora adverte sobre os cuidados a serem observados na escolha de metodologias e referenciais, buscando assegurar a necessária consistência argumentativa na análise dos dados,

[...] qualitativo, em pesquisa, não é dispensa de rigor e consistência. Enveredar por novos caminhos considerados mais ajustados às necessidades de uma compreensão diferenciada do real, não quer dizer apenas utilizar outros tipos de instrumentos, mas sim transformar atitudes e perspectivas cognoscentes, sem abandonar o eixo da consistência explicativa. (GATTI, 2002, p. 32).

Resguardados os cuidados necessários ao desenvolvimento da pesquisa, defendemos a ideia de que as narrativas como recurso metodológico podem contribuir com a pesquisa educacional que utiliza este referencial, pois para a Teoria Histórico-Cultural o homem é concebido em sua totalidade, como ser histórico e social, que se forma e se completa nas relações com os outros homens. “Sem a narrativa dos outros minha vida seria não só incompleta em seu conteúdo, mas também internamente desordenada, desprovida dos valores que asseguram a unidade biográfica”. (BAKHTIN apud REGO, 2006).

É possível afirmar ainda, que as narrativas representam uma contribuição na pesquisa educacional, por considerar a subjetividade do sujeito, que ao narrar sua experiência, tem a oportunidade de expressar em seu relato, suas experiências, memórias, sentimentos. É-lhe dado uma



---

oportunidade ampliada, para além da chamada pergunta/resposta dos habituais questionários e entrevistas, possibilitando ao pesquisador uma compreensão maior da situação da pesquisa.

[...] A crescente utilização da abordagem biográfica em educação busca evidenciar e aprofundar representações sobre as experiências educativas e educacionais dos sujeitos, bem como potencializa entender diferentes mecanismos e processos históricos relativos à educação em seus diferentes tempos. Também porque as biografias educativas permitem adentrar num campo subjetivo e concreto, através do texto narrativo, das representações de professores sobre as relações de ensino-aprendizagem, sobre a identidade profissional, os ciclos de vida e, por fim, busca entender os sujeitos e os sentidos e situações do/no contexto escolar. (SOUZA, 2006<sup>a</sup>, p. 136).

Para Leontiev (1978b), subjetividade refere-se ao processo pelo qual algo se torna constitutivo e pertencente no indivíduo; ocorrendo de tal forma que esse pertencimento se torna único, singular. A gênese da subjetividade não está no interior do indivíduo, mas nas relações sociais, no intercâmbio contínuo entre o interno e externo. (LEONTIEV, 1978, apud SILVA, 2009).

Ao narrar sua história, o sujeito refaz e reconstrói os fatos vividos, expressando os acontecimentos passados misturados às ideias do presente, trazendo à tona uma nova história, bastante significativa em sua formação.

Entendemos que ao realizar a pesquisa narrativa, o pesquisador tem a oportunidade de fazer suas análises de forma mais completa. Para tanto, precisa estar atento às diversas formas de expressão do sujeito envolvido na pesquisa. Parece-nos fundamental haver uma séria análise metodológica, um bom relacionamento entre o pesquisador e os sujeitos da pesquisa – relação esta de confiança, indispensável em uma pesquisa que almeja resultados fidedignos. Faz-se necessário, portanto, romper com desconfianças e melindres, buscando estabelecer um relacionamento aberto, verdadeiro, acessível, afim de que os dados coletados estejam o mais próximo possível do objetivo da investigação proposta.

A análise das narrativas se constitui em um desafio ao pesquisador, considerando que o mesmo terá que utilizar técnicas de interpretação do discurso que deem conta de explicitar com clareza o conteúdo da pesquisa, buscando evitar a superficialidade, para tanto,

[...] é necessário um conjunto de qualidades humanas a ter em conta, como uma grande capacidade de interação com o outro, que implica disponibilidade psicológica para ouvir, uma capacidade de resposta rápida às exigências constantes de uma investigação interativa no terreno e uma capacidade de ser capaz de transmitir ao papel as experiências analisadas, cumprindo os requisitos que exigem as histórias

---

significativas e os relatos científicos. Para isso, é necessário comunicar os pressupostos, o enquadramento teórico, as justificações metodológicas, os contextos e até as características pessoais dos participantes num estudo, para que os preconceitos, muitas vezes assentados numa falsa noção de cientificidade, deem lugar à flexibilidade nos métodos e à coerência entre o modo como agimos e nos posicionamos no terreno na investigação em educação. (GALVÃO, 2005, p. 342).

Assim, a opção pelo recurso metodológico das narrativas na pesquisa educacional se justifica por acreditarmos que essas podem ser muito ricas, se bem encaminhadas pelo pesquisador, pois possibilitam maior compreensão do contexto histórico e da complexidade da vida dos sujeitos – detalhes, situações pessoais, exemplos cotidianos – pormenores que de outra forma dificilmente apareceriam.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso das narrativas nas pesquisas educacionais vem conquistando seu espaço, constituindo-se em eficiente elemento de investigação, pois para além das pesquisas quantitativas, que mantém certa distância do pesquisador, essas possibilitam maior aproximação com os sujeitos da pesquisa.

Resultado de uma construção histórica, as narrativas são histórias plurais que se tornam singulares, e, novamente, plurais. São memórias, culturas e experiências vivenciadas e compartilhadas em tempos e contextos diversos, expressão de vivências construídas nas relações sociais. São relatos de pessoas concretas, que expõe fatos também concretos.

Se entendermos que o ser humano se constrói na relação com os outros homens e a linguagem é um fator primordial nessas relações, cremos que o uso do recurso metodológico das narrativas, tem sua importância nas pesquisas educacionais, pois ao fazê-lo “estaremos melhor instrumentalizados para compreender como se dão os processos de construção e reconstrução da vida social na qual vivemos” (ROLLEMBERG, 2003).

### REFERÊNCIAS

- ANDRÉ, M. A Jovem Pesquisa Educacional Brasileira. *Diálogo Educacional*, Curitiba, v. 6, n. 19, p. 11-24, set./dez. 2006.
- BAKHTIN M. 1992. In: REGO, T. C. Desenvolvimento psicológico e constituição de subjetividades: ciclos de vida, narrativas autobiográficas e tensões da contemporaneidade. *Pro-Posições*, v. 17, n. 2 (50), maio/ago. 2006.
- BUENO, B. O. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 385-410, maio/ago. 2006.
- CAFFÉ, Eliane. (Dir.). *Narradores de Javé*. Lumiere/Vídeo filmes, 2003, 102 minutos.

- 
- CIAMPA, A. C. Identidade humana como metamorfose: a questão da família e do trabalho e a crise de sentido no mundo moderno. *Interações*, São Paulo, v. 3, n. 6, p. 87-101, jul./dez. 1998.
- DUARTE, N. *Vigotski e o "aprender a aprender"*: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.
- FAZENDA, Ivani C. A. *A pesquisa em educação e as transformações do conhecimento*. Campinas, SP: Papirus, 1995.
- FERREIRA, A. B. H. *Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- GALVÃO, C. Narrativas em educação. *Ciência & Educação*, Bauru, v. 11, n. 2, p. 327-345, 2005.
- GATTI, B. A. *A Construção da Pesquisa em Educação no Brasil*. Brasília: Plano Editora, 2002.
- GUEDES-Pinto, A. L. *Memórias de leitura e formação de professores*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2008.
- JOSSO, Marie-Christine. História de vida e projeto: a história de vida como projeto e as "histórias de vida" a serviço de projetos. *Educação e pesquisa*, São Paulo, v. 25, p. 11-23, jul/dez. 1999.
- LEONTIEV, Aléxis N. *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.
- MORAES, A. A. de A. *Histórias de leitura em narrativas de professoras: uma alternativa de formação*. Manaus: Ed. Da Universidade do Amazonas, 1999/2000.
- NÓVOA, A. (Org.). Vidas de professores. In: ECKSCHMIDT, S. *A arte de lembrar e esquecer: narrativas autobiográficas de professores(as) sobre a sua infância*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Florianópolis, SC, 2010.
- ROLLEMBERG, A. T. V. Histórias de vida de duas professoras: narrativas como instrumento de construção da identidade profissional. In: LOPES, Luiz Paulo da Moita. (Org.). *Discurso de Identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família*. Campinas, SP: Mercado das letras, 2003.
- SILVA, D. G. V; TRENTINI, M. Narrativas como técnica de pesquisa em enfermagem. *Revista Latino-americana Enfermagem*, 423-32, maio/jun. 2002 Disponível em <[www.eerp.usp.br/rlaenf](http://www.eerp.usp.br/rlaenf)>.
- SILVA, F. G. Subjetividade, individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural. *Revista Psicologia da Educação*, São Paulo, 28, p. 169-195, 1 sem. 2009.
- SOUZA, E.C.de. (Org.). *Autobiografias, História de Vida e Formação: pesquisa e ensino*. Salvador: Eduneb; EDIPUCRS, 2006.
- THOMPSON, Paul. A memória e o eu. In: *A voz do passado: história oral*. (Trad.: Lólio Lourenço de Oliveira). 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. p. 208.
- URT, S. C., MORETTINI, M. (Orgs.). *A Psicologia e os desafios da prática educativa*. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2005.

---

## RESUMO

O propósito deste trabalho é discutir a pesquisa em educação e o uso das narrativas como recurso metodológico. Inicialmente, apresentamos algumas considerações referentes à produção científica e à pesquisa educacional no Brasil. Indicamos as narrativas como recurso metodológico possível nas pesquisas, observando que estas acompanham a história humana, estando presentes nas relações sociais, em diferentes tempos e contextos. Utilizamos como ilustração alguns elementos do filme *Narradores de Javé*, e apontamos alguns limites e possibilidades do uso das narrativas nas pesquisas em educação, tomando como referencial a Teoria Histórico-Cultural. Diante das considerações apresentadas neste trabalho, parece-nos pertinente afirmar a contribuição das narrativas na investigação científica.

**Palavras-chave:** Pesquisa em educação. Narrativas. Teoria Histórico-Cultural.

## ABSTRACT

The purpose of this paper is to discuss the research in education and the use of narratives as a methodological resource. First, we presented some considerations which refer to scientific production and educational research in Brazil. We indicate the narratives as a possible methodological resource in the research, noting that they accompany human history, being present in social relations, in different times and contexts. We used how illustration some elements of the *Narradores de Javé* movie, and point out some limitations and possibilities of the use of narratives in education research, taking as reference the Historical Cultural Theory. Given the considerations presented in this paper, it seems relevant to affirm the contribution of narratives in scientific research.

**Key words:** Research in Education. Narratives. Historical Cultural Theory.

*Recebido em janeiro de 2013  
Aprovado em fevereiro de 2013*